



INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – IHL

BACHARELADO EM HUMANIDADES – BHU

MARIA ARDELIANE RODRIGUES CHAGAS

TEMPO DE LEMBRAR: MEMÓRIAS E NARRATIVAS DE IDOSOS

REDENÇÃO – CE

2016

MARIA ARDELIANE RODRIGUES CHAGAS

TEMPO DE LEMBRAR: MEMÓRIAS E NARRATIVAS DE IDOSOS

Trabalho apresentado ao curso de graduação à
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira, para conclusão do
curso de Bacharelado Em Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Joceny de Deus
Pinheiro.

REDENÇÃO - CE

2016

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira
Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

C424t Chagas, Maria Ardeliane Rodrigues.

Tempo de lembrar: memórias e narrativas de idosos. / Maria Ardeliane Rodrigues Chagas. –
Redenção, 2016.

39 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientadora: Profa. Dra. Joceny de Deus Pinheiro.
Inclui Referências.

1. Crença e dúvida. I. Título.

CDD 121.5

MARIA ARDELIANE RODRIGUES CHAGAS

TEMPO DE LEMBRAR: MEMÓRIAS E NARRATIVAS DE IDOSOS

Trabalho apresentado ao curso de graduação à
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira, para conclusão do
curso de Bacharelado em Humanidades.

Data de Defesa: 02 de Maio de 2016.

Resultado: _____

Profa. Dra. Joceny de Deus Pinheiro – Orientadora

Profa. Dra. Violeta Maria de Siqueira Holanda – Banca examinadora

Prof. Dr. Leandro de Proença Lopes – Banca examinadora

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Eu, MARIA ARDELIANE RODRIGUES CHAGAS, matriculada na UNILAB com o número 2013101980, graduanda do Bacharelado em Humanidades, declaro publicamente ser autora da monografia intitulada **Tempo de lembrar: memórias e narrativas de idosos** e assumo a responsabilidade pela fidedignidade dos conteúdos apresentados, para os quais não existem restrições de divulgação e pela lisura com que foram por mim obtidos e empregados, sem qualquer violação de direito autoral.

Redenção (CE), Maio de 2016.

Assinatura

Dedico este trabalho aos idosos que compartilharam comigo parte de suas memórias para que esta pesquisa fosse realizada. O aprendizado será algo que levarei sempre comigo. É a certeza de que é ouvindo o outro e se colocando em seu lugar que nos tornamos mais humanos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela vida. Agradeço aos meus interlocutores: D. Alda, D. Francisca, Sr. Juazeiro, Sr. Zé e D. Maria que abriram seus baús de memórias compartilhando suas alegrias e tristeza comigo, e me fizeram refletir e olhar a vida de outra forma.

Agradeço, de modo especial, à professora Joceny Pinheiro, que esteve sempre presente me orientando e contribuindo na construção desse trabalho, pacientemente lendo as versões, propondo e sugerindo alterações que engradeceram a pesquisa.

Agradeço, à minha família o apoio que sempre a mim conferiram, e que sempre estiveram ao meu lado, principalmente quando mais precisei. A meu companheiro Helton, que me apóia em todas as minhas decisões, e que acompanhou de perto e colaborou com este trabalho lendo e relendo sempre que necessário.

Agradeço aos professores do Instituto de Humanidades e Letras, os quais tive a oportunidade de conhecer, a contribuição de cada um, que me levaram a pensar de forma crítica questionando e procurando compreender a sociedade. Enfim, agradeço a todos os colegas do curso do Bacharelado em Humanidades, pelas trocas de conhecimento que obtivemos durante essa jornada.

Se o envelhecimento é uma realidade para cada indivíduo, este deve ser dito na primeira pessoa e visto na perspectiva e no movimento da história individual e singular de cada um. Ouvindo o idoso, o olhar que teremos sobre ele e o envelhecimento não será jamais o mesmo.”

(ARGOUD e PUIJALON, 1999).

“O velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por eles.”

Ecléa Bosi

RESUMO

Este trabalho intitulado “Tempo de lembrar: memórias e narrativas de idosos” tem como objetivo analisar o lugar fundamental que a memória ocupa no processo de envelhecimento, bem como a invisibilidade que os idosos vêm sofrendo num contexto de perda de seu lugar social. O trabalho assim leva em consideração o ritmo veloz e frenético que a sociedade contemporânea impõe, principalmente nas pessoas mais jovens, provocando ou fazendo com que haja um afastamento e conseqüentemente uma exclusão dos idosos, que se fecham em suas próprias memórias. Para a realização da pesquisa, as fontes orais - entrevistas com cinco idosos, com idades entre 68 e 95 anos, que, narraram suas histórias de vida foram de suma importância. Ressaltando a importância que o idoso confere ao ato de ser ouvido e visualizado pela sociedade, este trabalho aspira contribuir para o debate sobre o tema da relação entre velhice e memória na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Memória; narrativas; invisibilidade; velhice; sociedade.

ABSTRACT

This work entitled "Time to remember: memories and narratives of elderly" aims to analyze the fundamental place that memory occupies in the aging process, and the invisibility that older people are suffering in the context of loss of their social position. The work thus takes into account the fast and frenetic pace that contemporary society imposes, especially in younger people, causing or so that there is a gap and thus an exclusion of the elderly, which close on their own memories. For the research, oral sources - interviews with five seniors, aged 68 and 95 years, who narrated their life stories were of paramount importance. Emphasizing the importance of the elderly gives the act to be heard and viewed by society, this work aims to contribute to the debate on the theme of the relationship between age and memory in contemporary society.

Keywords: memory; narratives; invisibility; old age; society.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	p. 10
2. Capítulo I - Memória e velhice: um olhar para o passado	p. 12
3. Capítulo II – Histórias de vida: ouvindo e refletindo	p. 20
4. Capítulo III – Questões que compreendem o envelhecimento	p. 30
5. Conclusão	p. 36
6. Referências bibliográficas.....	p. 38
APÊNDICES	
APÊNDICE A – Memória e saúde.....	p. 39
APÊNDICE B – Sobre as entrevista.....	p. 39

1. INTRODUÇÃO

O meu despertar para trabalhar o tema da velhice na atualidade surgiu principalmente da convivência com a minha avó paterna, pois desde criança morei próximo a ela e assim acompanhei e acompanho parte de sua trajetória existencial no que diz respeito ao processo de envelhecer. Falo aqui do que ela compartilha comigo cotidianamente: inquietações, solidão, sensação de invisibilidade, limitações físicas que se intensificaram com o passar dos anos, o que, no entanto, também inclui um sentimento de notória felicidade ao relembrar sua história e ter alguém para lhe ouvir. Outra fonte de inspiração para o tema foi a relação com a irmã de minha avó, que embora more em outra cidade, costuma passar temporadas conosco, dando-me a oportunidade de ouvir atentamente as conversas que se seguem entre as duas, quando compartilham as semelhanças e as diferenças das lembranças que elas tanto preservam ao longo do tempo e que constituem tesouros de suas vidas. Foi a partir desse encontro com a velhice no âmbito familiar que meu interesse pelo assunto se desenvolveu.

A princípio, pensei em focar somente as dificuldades que supostamente a pessoa idosa enfrenta na sociedade atual, isto é, os problemas de seu cotidiano, como a questão da mobilidade em espaços onde o acesso a certos locais muitas vezes se torna inviável. Porém, no decorrer dos diálogos com meus interlocutores, percebi que embora haja diversos problemas sociais que lhes afetam e contribuem para uma velhice sofrida, o tema da memória emergiu como o mais significativo nesses diálogos. Dessa forma, irei trabalhar a partir do que surgiu de forma mais clara nas falas de meus interlocutores, a saber: 1) o lugar fundamental que a memória ocupa no processo de envelhecer, e 2) a invisibilidade que estes sofrem numa sociedade imediatista que ao velho se nega um lugar social.

Em termos metodológicos, o procedimento utilizado para a realização da pesquisa é o do trabalho com as fontes orais, tratando, portanto, do registro da memória viva, subjetiva e recheada de valores, de formas de pensar e dizer a vida de uma comunidade, de uma família e de uma pessoa. Para Ecléa Bosi (1994, p.54), este aspecto é importante porque “[...] a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”. A fundamentação teórica da pesquisa se norteia pela leitura de autores tais como: Ecléa Bosi (1994), Norbert Elias (2001), Lawand D. N. (2004), Le Goff (2003), Walter Benjamin (1987) e Vera Maria T. Silva (2003).

Para a realização desse estudo entrevistei¹ cinco pessoas com idades entre 68 e 95 anos. A pesquisa, no entanto, foi muito além das entrevistas, pois se constituiu de momentos diferenciados em que tive a oportunidade de vivenciar ouvindo e imaginando todas aquelas histórias tão bem guardadas nas memórias de meus interlocutores. Ao longo desses encontros, percebi que tais narradores conferem importância expressiva ao ato de reviver e lembrar-se de detalhes longínquos, como eles dizem em uma pequena frase que é bem usada, acho que por todos: “no meu tempo”.

Quatro das cinco pessoas entrevistadas são naturais de Redenção e um é natural de Juazeiro do Norte. Minha avó Alda, que citei no início do texto, foi a primeira a ser entrevistada. Contudo, é preciso dizer que, na verdade, eu já ouvia suas memórias antes de começar esse trabalho, o que me possibilitou organizar os ciclos de vivências dela. A segunda pessoa, tia Francisca, é irmã de minha avó. Esta também fazia parte de minha convivência anteriormente ao início da pesquisa de campo. Embora hoje tia Francisca more em Fortaleza, com uma filha, sempre manteve o costume de visitar minha avó, passando dias conosco. Em seguida o Sr. Juazeiro, como é conhecido por todos na localidade em que vive, possuía o dom da oralidade, porém hoje quase não conversa devido o agravamento de um quadro de Asma, o que lhe causa cansaço quando fala muito. Continuando as apresentações dos interlocutores, o quarto entrevistado é meu avô, o qual residiu grande parte da vida entre Redenção e Acarape, quem sempre visito quando possível. D. Maria foi a quinta pessoa com quem conversei. Assim como no caso de meus outros interlocutores, conheço D. Maria há bastante tempo.

É necessário dizer, que os cinco

Em termos de estrutura, meu trabalho se divide da seguinte forma: No capítulo I, intitulado Memória e velhice: Um olhar para o passado, irei apresentar conceitos de memória, velhice e narrativas de acordo com os teóricos em que fundamentei a pesquisa. No capítulo II, o qual chamo Histórias de vida: Ouvindo e refletindo, irei explorar fragmentos das narrativas de meus interlocutores juntamente com a análise que faço delas, onde estes expõem suas histórias do passado, percorrendo suas trajetórias de vida até a chegada da velhice. No capítulo III, cujo título é Questões que compreendem o envelhecimento, abordarei assuntos recorrentes do processo de envelhecimento presentes nas falas dos idosos, descrevendo não mais as

¹ As duas primeiras entrevistas foram gravadas e transcritas, as posteriores foram escritas diretamente das falas dos interlocutores.

narrativas de um tempo longínquo, mas as características de envelhecer apontadas por eles em suas vivências atuais.

2. CAPÍTULO I – MEMÓRIA E VELHICE: UM OLHAR PARA O PASSADO

Desde os primórdios os seres humanos consideraram a necessidade de transmitir e perpetuar sua história de diferentes formas, para que posteriormente sua cultura fosse conhecida, reconhecida e resgatada. Uma das possibilidades de apresentar como era o passado pode ser de forma oral, em que o indivíduo revisita a sua memória e pode narrar à história da maneira em que o mesmo presenciou os acontecimentos expostos. Neste trabalho, as memórias dos idosos com quem conversei serão apresentadas não para se concluir um julgamento sobre as histórias que por eles serão expostas, mas, sim, com o objetivo de conhecer parte dessas memórias e a importância que essas têm para eles.

Diversos autores trabalharam o tema da memória, sob distintas perspectivas, buscando analisar o sujeito e o espaço em que essa memória se desenvolveu. Para a construção da linha teórica que norteará a pesquisa, busquei me embasar no referencial teórico de Ecléa Bosi (1994), Norbert Elias (2001), Lawand D. N. (2004), Le Goff (2003), Walter Benjamin (1987) e Vera Maria T. Silva (2003).

Em *História e Memória*, Le Goff, (2003, p.471) diz que: “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”. Le Goff, historiador reconhecido por sua influência na Historiografia da Educação do Brasil, compreende que a história narrada deve ser entendida como forma de resgatar a memória, já que esta pode ser interpretada através do passado. Seu pensamento analisa a história como fundamental no sentido de orientar os estudos e métodos do trabalho histórico a fim de que compreendamos a construção histórica, seja de uma sociedade, uma comunidade ou de um indivíduo. Em relação à memória, Le Goff destaca a sua importância para construção e conhecimento da própria história.

Ecléa Bosi autora da obra *Memória e sociedade, lembranças de velhos* (1994), é reconhecida como uma das referências nos estudos de contexto social relacionados a sociedade, memória e velhice. A escritora apresenta em seu livro acima citado, as narrativas das memórias de oito pessoas, entre homens e mulheres com idades acima de setenta anos que viveram na cidade de São Paulo e acompanharam as transformações que a mesma apresentou ao longo do

tempo. A autora dá voz aos velhos esquecidos que emergem através de sua pesquisa a reconhecerem suas memórias pessoais e da cidade entrelaçadas, assim, os relatos reconstruem a história social da qual fizeram parte.

O trabalho de Ecléa Bosi inspira outras produções, como a de Silva² (2003), que trata em sua resenha sobre o processo de envelhecimento, ou da condição da velhice. Dentre outros autores que compõem o seu estudo, parte de seu trabalho se baseia na obra de Ecléa Bosi. Silva (2003) destaca a memória como reconstrução social do passado através de vozes anônimas:

(...) dando voz a esse pequeno grupo de velhos, cuja única riqueza é a sua memória pessoal, Ecléa Bosi recupera um tempo, reconstrói um momento social coletivo, cosendo retalhos de lembranças individuais. É isso que o livro de Ecléa Bosi faz, dá voz aos marginalizados pela idade, convida-os a exporem suas lembranças mais antigas e, com elas, recupera um tempo e um modo de viver que, de outra forma, estariam perdidos para sempre. (SILVA, 2003)

Em se tratando de memória conseqüentemente se fala em narrativas, visto que, a memória é o lugar e a narrativa é o caminho para se chegar ao destino. As duas se complementam nesse intercâmbio de experiências. Da oralidade nasce a narrativa que compõe a memória, dando existência ao passado. Segundo Bérghson (apud BOSI 1994, p.68): “A memória poderá ser conservação ou elaboração do passado, mesmo porque o seu lugar na vida do homem acha-se a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre, e a inteligência, que é capaz de inovar”.

Ouvir o outro é fundamental para que se possa compreender o que este pretende transmitir, além disso é também uma forma de respeito, sobretudo ao ouvir o idoso, já que este é muitas vezes a memória viva de vários acontecimentos, e sente-se frequentemente excluído da sociedade atual que prioriza as formas tecnológicas de interagir. Sobre a importância de ouvir, Lawand, (2004, p.121) nos diz que: “É a atenção dada que qualifica a relação narrar e ouvir, a atenção de respeitarmos o silêncio e de não colocarmos o narrador em um banco de réus. Ele, como todos nós, conta a sua verdade. A inexatidão do narrar não invalida o testemunho”. O professor Lawand compreende a memória em uma construção de meios que desenvolva lembranças e esquecimentos, e produções de narrativas. Assim, para ele, a memória

² SILVA, V. M. T. - **Lendo sobre a velhice: resenha.** *Revista da UFG, Vol. 5, No. 2, dez 2003. On line (www.proec.ufg.br).* Professora da Faculdade de Letras/UFG. <Acesso em 24/09/2015>

através da oralidade serve para expor a existência do que foi dito, sendo fonte de conservação e divulgação do saber.

A conservação da memória oral também se mostrava essencial para manter a união de certo grupos de pessoas. Quanto a esse fato, Ecléa Bosi (1994, p.19) fala: “A memória das sociedades antigas se apoiava na estabilidade espacial e na confiança em que os seres de nossa convivência não se perderiam não se afastariam”. Aí fica nítida a importância da memória do idoso quando lembrada para os mais jovens em determinadas sociedades, e isso é parte fundamental da aprendizagem de determinadas sociedades.

Se antigamente o ato de narrar era algo recorrente entre as pessoas, hoje em dia encontra-se como algo próprio dos idosos. Segundo Benjamin, (1987, p.197): “uma experiência quase cotidiana nos impõe a exigência dessa distância e desse ângulo de observação. É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção”. O autor interpreta que o desaparecimento da prática narrativa perdeu-se, quando a informação imediata tornou-se mais interessante que a oralidade. Benjamin (1987), afirma que o narrador se forma entre os mestres e os sábios, ele sabe aconselhar por possui conhecimento de toda uma vida, que envolve não só experiências de sua própria vida, mas também grande parte da experiência alheia.

O exercício de ouvir os idosos remeteu-me a algo mais do que simplesmente ouvi-los, tornou-se um ato de imaginar aquele tempo que foi lembrado: as pessoas citadas, os lugares repletos de detalhes, as particularidade evidenciadas. Esse exercício vai tomando um sentido tão próprio que as vezes me percebo como se estivesse vivendo aquilo que para mim está sendo narrado. Como explica Ecléa Bosi (1994, p.68): “A narração da própria vida é o testemunho mais eloqüente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória”. É certo que quando se ouve algo e se interessa pelo o que está sendo contado revela-se ali um mundo desconhecido que no decorrer da narração vai tornando-se uma história cheia de significados para quem narra e um mundo de imaginação para quem ouve.

Para o idoso, resgatar o passado, que em meio à narração se confunde com o presente, é reviver histórias que acalentam a alma. Isso foi bem difundido pelos interlocutores em nossas conversas, quando, por exemplo, D. Francisca faz uma pergunta e em seguida lança sua narrativa: “a praça da matriz ainda tem aquelas árvores de tronco grande? Faz muito tempo que eu não passo por lá, quando eu era moça aquelas árvores já eram enormes, para conseguir abraça-las precisávamos que umas três ou quatro meninas dessem as mãos para conseguir abraçar seu tronco de um lado para o outro, era como se a árvore nos abraçasse de volta”. No processo de recriação do passado, evidencia-se um brilho no olhar de quem narra uma

vivacidade na fala que denota felicidade, como se ao contar suas histórias os narradores retornam ao passado, revivendo cada momento narrado.

A exemplo de Ecléa Bosi (1994) em seu trabalho: “busco colher as memórias pessoais do idoso sem contrapor o tempo que se passa”. Precisamente como afirma a autora:

Não me cabe aqui interpretar as contradições ideológicas dos sujeitos que participaram da cena pública. Já se disse que “paradoxo” é o nome que damos à ignorância das causas mais profundas das atitudes humanas... Explicar essas múltiplas combinações é tarefa reservada a nossos cientistas políticos, que já devem ter-se adestrado a estes malabarismos. O que me chama a atenção é o modo pelo qual o sujeito vai misturando na sua narrativa memorialista a marcação pessoal dos fatos com a estilização de pessoas e situações e, aqui e ali, a crítica da própria ideologia. (BOSI, p. 458-459)

A memória é a reconstrução do passado presente nas lembranças de lugares, acontecimentos e de pessoa que fizeram ou ainda fazem parte da vida de quem está narrando. Suas experiências contadas formam seu “eu” sua identidade. Contar e recontar são uma necessidade que compõe a memória, e para os idosos é uma forma de encontrar-se consigo mesmo.

Quando se é jovem pouco se pensa que a velhice é algo que faz parte da vida, e é para todos, claro se a morte não chegar antes. Envelhecer é algo inevitável, a aproximação e a convivência com os idosos seria uma oportunidade de compreender essa fase da vida, se colocando no lugar do outro para se ter uma melhor visão dessa fase da existência humana.

É isso que se traduz nas palavras do sociólogo Norbert Elias (2001, p.09) em sua obra *“A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer”*, quando afirma que: “Se compararmos aos da Antiguidade, nossa identificação com outras pessoas e nosso compartilhamento de seus sofrimentos e morte aumentaram.” (O termo “moribundo” quer dizer da pessoa em estado grave de uma doença; que está perto da morte). Essa falta de identificação com o idoso e de reconhecimento de si no processo de envelhecer causa incômodo e constrangimento diante dos que envelhecem e morrem e, conseqüentemente, acaba por provocar o rompimento dos laços afetivos dos idosos com as pessoas com as quais ele se relacionou, às vezes, por toda uma vida. Esse distanciamento voluntário ou involuntário impede os indivíduos em sociedade de enxergarem a pessoa idosa de fato. Como argumenta Norbert Elias (2001), isso é algo próprio das sociedades avançadas:

[...] O fato de que, sem que haja especial intenção, o isolamento precoce dos moribundos ocorra com mais frequência nas sociedades mais avançadas é uma das fraquezas dessa sociedade. É um testemunho das dificuldades que muitas pessoas têm em identificar-se com os velhos e moribundos. (2001, p.08)

A referência acima a Norbert Elias (2001) me faz lembrar de uma situação ocorrida em minha própria experiência de vida. Certo dia, minha avó disparou uma frase bem diferente do que ela tem costume de falar, exclamando: “vou ficar aqui sozinha mesmo, afinal de contas a gente morre sozinha”! Fiquei surpresa, pois não me lembro de ela falar sobre esse assunto de forma tão direta. Sua fala foi desencadeada pelo fato de já alguns dias ela estar com sintomas de uma enxaqueca que não sentia há anos, num contexto em que a filha com quem ela mora iria sair e demorar, insistindo para que minha avó fosse para a casa de outro filho e não ficasse sozinha. Como se pode deduzir pela sua exclamação, minha avó disse que não iria, e de tanto insistirmos ela nos retrucou: “não se preocupem eu fico aqui, ninguém morre junto com outra pessoa, assim como nascemos sós, morremos sós”. Fiquei refletindo sobre essa declaração no sentido de que quando somos jovens não imaginamos essa preocupação com a morte, pois somos levados a acreditar que sempre seremos jovens ou que vai demorar muito para isso acontecer e que não vale a pena pensar no assunto tão cedo. No que se refere ao fato do jovem não se identificar com o velho, Norbert Elias (2001, p. 09) afirma: “[...] o problema social da morte é especialmente difícil de resolver porque os vivos acham difícil identificar-se com os moribundos”.

Ao mesmo tempo o distanciamento para com o idoso também pode se associar à ideia de que o afastamento de alguém que se encontra mais próximo da morte (isto é, o velho) diminui a dor da perda quando isso acontecer. O paradoxo, da situação é que é exatamente nesse momento de sua vida que o velho mais precisa de companhia e atenção.

Em meio ao afastamento social, com o idoso muitas vezes restrito a um pequeno espaço, que se limita ao ambiente domiciliar, ou a um cômodo do ambiente familiar, a companhia de alguém, ou mesmo uma visita ocasional de parentes, vizinhos e amigos, faz bastante diferença em sua rotina. No percurso de minha pesquisa, percebi que mesmo constituindo uma pequena platéia, meus interlocutores manifestavam satisfação evidente com o fato de que alguém estava ali para lhes dar ouvidos, isto é, para saber de suas experiências de vida, de suas histórias, de seus sentimentos. Essa satisfação também decorria da sensação de que todo aquele baú de recordações que cada um abrigava não ficaria restrito a si, porque agora tais recordações

ganhariam um lugar para além da vida interior de cada narrador, tornando-se audíveis ou legíveis. Recontar é relembrar e isso faz com que os narradores se sintam mais vivos. Assim, lembrar é construir uma memória trabalhando o passado que traz um presente repleto de significados cotidianos, mas sempre relevante, mesmo que o olhar seja diferente por não serem mais os mesmos daquela época que está sendo narrada.

Para Ecléa Bosi (1994): “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. Bosi considera ainda que:

A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça à lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, 1994, p.55).

O ouvinte transforma-se numa espécie de explorador, que com os ouvidos atentos passa a percorrer as memórias de outrem, no que elas tem de mais pessoal e factual. Dessa atividade surge uma memória viva que não se tranca em si mesma, ela passa a ser conhecida quando encontra ouvidos disponíveis e atentos. Com isso, passa a ter uma existência social, e, mesmo que pequena, ela é de suma importância para quem está contando suas experiências de vida. Porém, em nossa sociedade, a maioria das pessoas não dá a devida atenção para o que os idosos têm a dizer, mas eles também vivem, sentem e precisam falar:

Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! (BOSI, 1994, p.64).

Esse ato de viver somente o presente desenvolveu-se devido à vida corrida que se tem hoje, onde as pessoas não se permitem ter tempo para uma conversa, ou ainda que somente ouvir o que o outro tem a dizer. Para Elias (p.34, 2001): “O breve surto de informalização ainda

em progresso nos torna especialmente desconfiados em relação aos rituais convencionais e as frases “floreadas” de gerações passadas”. Benjamin (1987, p. 198), ainda completa: “Uma das causas desse fenômeno é óbvia: as ações das experiências estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo”. Ademais, nossa sociedade está voltada para o individualismo do trabalho, do produzir incessantemente, gerando a tão aclamada frase “eu não tenho tempo”. A impressão rápida tornou-se mais significativa que as experiências pessoais, como considera Benjamin (1987):

Basta olharmos um jornal para percebermos que seu nível está mais baixo do que nunca, e que da noite para o dia não somente a imagem do mundo exterior, mas também a mundo ético sofreram transformações que antes não julgaríamos possíveis. (BENJAMIN, 1987, p. 198)

Isso também acontece porque as pessoas acham que vão ser sempre jovens. Com essa vida atordoada de afazeres, não se pensa que envelhecer faz parte do ciclo natural da vida e que, conseqüentemente, quando esse tempo chega, a vida vai desacelerando, o corpo já não corresponde à rapidez de ir de um lado para o outro como antes se fazia com tanta facilidade. Quem envelhece sabe que o tempo que antes era preenchido com muitas atividades e planos, agora é espaçoso na espera de alguém para conversar ou para o simples ato de ajudar a levantar-se ou deitar-se, já que o corpo não tem a vitalidade de antes.

Norbert Elias (2001), já citado nesse capítulo, salienta essas limitações físicas que a velhice traz, se colocando ele próprio como indivíduo pertencente à categoria. Sua primeira impressão ao observar alguém velho causa indagações que vão se explicando ao longo de sua observação:

Uma experiência de juventude assumiu certa significação para mim agora que sou mais velho. Assisti a uma conferência de um físico muito conhecido em Cambridge. Ele entrou devagar, arrastando os pés, um homem muito velho. Eu me surpreendi pensando: “Por que ele arrasta os pés assim? Por que não pode caminhar como um ser humano normal?” Na hora, me corrigi: “Não pode evitar, é muito velho” (ELIAS, 2001, p.79).

Outro momento descrito e vivido pelo próprio sociólogo ocorreu quando ele já havia envelhecido, como se pode aqui ler:

Era professor visitante numa universidade alemã e fui convidado para jantar por um colega que estava no auge de sua vida. Serviu-me um aperitivo antes do jantar e me convidou a sentar numa moderna poltrona de lona, muito baixa. Sua mulher nos chamou para a mesa. Levantei, e ele me lançou um olhar de surpresa, talvez um tanto decepcionado: “Puxa, você está em muito boa forma”, disse. “Não faz muito tempo, o velho Plessner jantou conosco. Sentou na poltrona baixa como você, mas não conseguiu se levantar, por mais esforço que fizesse. Você precisava ver. No fim, tivemos que ajudá-lo.” E ria que ria: “Hahahaha! Não conseguia levantar!” Meu anfitrião se sacudia de rir. Evidentemente, também nesse caso, a identificação entre os não-velhos e os velhos causava dificuldades. (ELIAS, 2001, p.81-82)

Nesse sentido, o autor nos apresenta um público de pessoas mais jovens que não sabem lidar com as limitações que acompanham a velhice, e acaba tratando o assunto como algo normal ou cômico, fazendo até uma comparação entre os velhos que ainda possuem alguma autonomia e os que não a possuem. Logo, tal atitude pode ser provocada por conta de uma não convivência com alguém idoso ou do desconhecimento que essa fase da vida implica e todas as suas consequências.

No percurso que realizamos sobre conceitos e análises de memória e velhice levantadas através do auxílio das fontes teóricas que conduziram a construção de pensamentos que compreendem o assunto, foi possível compreender que uma das questões que circunda a velhice é a memória. Ela possui um lugar de destaque na vida do idoso, é fonte de narrativas, de histórias e, portanto, fonte de vida.

No entanto, narrar experiências ou simplesmente conversar é algo que caiu no desuso para muitas pessoas, pois já não se tem o hábito de sentar e conversar. Vê-se que isso é algo que ficou restrito aos mais velhos. Se a sociedade de um modo geral não se identifica com algo mais comum à vivência dos idosos, as relações com estes se enfraquecem, causando um afastamento gradativo deles da cena pública.

3. CAPITULO II – HISTÓRIAS DE VIDA: OUVINDO E REFLETINDO

Este segundo capítulo intitula-se Histórias de vida: Ouvindo e refletindo, tratando de lembranças que mesmo com o passar do tempo continuam vivas para cada um dos interlocutores que participaram de minha pesquisa. Além da questão memória, no final do capítulo outro assunto fará parte das falas de dois dos cinco interlocutores da pesquisa: a invisibilidade e a inacessibilidade que sofrem devido as suas idades.

Quando se faz o exercício de escutar uma pessoa idosa, percebe-se que ela sempre tem uma história a mais para contar. Segundo Bosi (1994, p.39), “Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito.” Conversar ou apenas ouvir uma pessoa idosa é uma experiência enriquecedora. As histórias que os idosos têm satisfação em contar quando encontra ouvintes atentos é para eles um meio de reviver determinados momentos, e se ele encontra um ouvinte disposto a lhe escutar, incessante se torna sua vontade de narrar. É nessa perspectiva que a fala de D. Alda lhe faz reviver um momento inesquecível de sua vida, quando nos apresenta essa narração:

Quando fecho os meus olhos ainda consigo ouvir os passos de meu pai. Mesmo ele tendo nos deixando tão cedo nunca me esqueci dele e de tudo que ele era. Seus passos eram firmes, eu poderia ouvir vários passos, já que nossa família era grande e também nossa casa era movimentada, mas jamais confundiria os passos dele com os de outra pessoa. Talvez eu soubesse com tamanha exatidão diferenciar os passos de meu pai com os de outras pessoas porque a saudade foi tanta quando ele partiu e minha vontade que ele voltasse era tanta que foi uma das muitas lembranças que sempre ficou comigo. Passe o tempo que passar eu não a esqueço (D. Alda, Entrevista: Outubro/2014).

Na descrição, e mais ainda ao ouvir o relato, nota-se uma voz carregada de saudade. São fragmentos do passado que voltam a passear na memória reconstituindo o tempo vivido que transborda ao falar. Mesmo tendo perdido o pai na infância e hoje se encontrando com oitenta e seis anos de idade, D. Alda não se esqueceu dos passos do pai. Ela faz o exercício de revisitar a memória que o tempo não foi capaz de apagar. Pelo contrário, como disse D. Alda: “é mais fácil eu lembrar coisas que aconteceram há 60 anos do que o que aconteceu ontem”.

Nesse sentido, a sua memória continua vívida, conferindo importância ao que já passou, ainda que nesse passado existam tristezas, como no caso da morte precoce de seu pai. Esse ato de recontar histórias configura-se como algo muito próprio dos idosos, pois suas memórias e suas lembranças são a matéria que lhes constitui como pessoa e lhes identifica numa sociedade que muitas vezes lhe nega um lugar ativo e altivo.

Em meio a visitas e narrativas, não faltaram histórias vividas diretamente ou indiretamente pelos narradores. Algumas, num primeiro momento, surpreendentes, que ao serem analisadas conseguem nos conduzir a uma compreensão de tempo e espaço, onde certos assuntos constituem verdadeiros tabus, no que D. Alda qualifica como “outros tempos”. Um exemplo é a história de D. Alda sobre um assunto não conversado, de forma aberta, em sua infância e adolescência, como a gravidez. D. Alda relembra:

Sei que hoje em dia isso pode ser considerado como absurdo, mas no meu tempo era assim. Acredita que depois de casada e já esperando o primeiro filho eu não sabia como uma criança nascia? Pois, pode acreditar, eu já me encontrava no sétimo mês de gestação e todos os dias me fazia as mesmas perguntas: Por onde essa criança sairia? E como eu iria saber a hora dela nascer? Minha mãe jamais conversou isso comigo ou com minhas irmãs, é certo que nenhuma mãe daquele tempo conversaria tal coisa com suas filhas, porque seria imoral. Quando casei fui morar perto de minha sogra, e ela percebendo que eu andava muito calada, me perguntou o porquê da minha mudez, eu fiquei com vergonha de dizer. Então, ela fez a pergunta que eu não tive coragem de lhe fazer. E depois que ela me contou como as crianças nasciam eu fiquei apavorada, até pensei que teria sido melhor só saber na hora mesmo. O povo daquele tempo era respeitoso demais pra falar sobre isso com as moças. Então, a gente casava sem saber de nada, só ia saber mesmo na hora. E hoje em dia até as crianças sabem disso, é tudo mudado, não tem mais ninguém inocente (D. Alda, Entrevista: Outubro/2014).

Atualmente quando alguém escuta pela primeira vez ela narrar o acontecido, fica surpreso por achar que seria um tanto absurdo que uma mulher adulta, casada e grávida, não soubesse como se dá o nascimento de uma criança. Essa incompreensão por parte de algumas pessoas acontece devido à falta de percepção de que essa era a realidade vivenciada naquele local e naquela época. Se atualmente temos intenso acesso às informações, sejam por veículos de comunicação virtual ou impressa, décadas atrás era bem diferente.

Nos diversos relatos que escutei, como no parágrafo anterior, fui adentrando um universo de costumes e formas de viver próprios de uma época, vivida pelo narrador. A pessoa

idosa frequentemente demonstra satisfação ao narrar os fatos de seu percurso ao longo do tempo, evidenciando, através de comparações, a diferença inerente aos acontecimentos de sua época em relação aos acontecimentos atuais. D. Francisca nos conduz a uma história que hoje ela considera engraçada ao mesmo tempo em que afirma que é verdadeira:

Eu morei um tempo com minha mãe e meus irmãos em Choró Limão, Ceará. Foi um tempo bom. Não lembro bem em que ano, mas lembro bem que a noite sentávamos na calçada de nossa casa para ouvir os mais velhos contar histórias. Um eram inventadas, outras era de verdade. E essa que vou lhe contar é verídica, quem contou foi minha mãe. Conta-se que um casal com três crianças estava à beira da estrada na esperança de conseguir uma carona para ir pagar uma promessa em Canindé, Ceará, pois sua carroça teria dado problema. Naquele tempo, era difícil encontrar outro transporte que não fosse carroça, mas aparece na estrada um caminhão que pára diante deles e o motorista lhes pergunta para onde vão e se querem uma carona, animados dizem que vão para Canindé e por sorte era o mesmo destino do caminhoneiro. Assim o casal e os filhos entram na boleia do caminhão para seguir viagem. Então, o motorista liga um pequeno rádio no painel e começa uma música. O caminhão ainda estava parado, e começa a tocar uma música com a seguinte letra: É proibido cochilar, cochilar, cochilar... No momento em que a mulher ouviu a música ela começa a se preparar para descer do carro e o motorista lhe pergunta: senhora, porque está saindo? E ela responde: o moço está falando que é proibido cochilar, e como a viagem é longa eu tenho medo de cochilar, então vou descer logo. Olha isso minha filha, como o povo daquele tempo era tolo, ninguém tinha malícia em nada. (D. Francisca, Entrevista: Outubro/2014).

Baseado no relato feito por D. Francisca, percebemos que além do valor pessoal agregado ao ato de narrar e expor suas memórias, ela também descreve uma visão de como era o comportamento das pessoas daquele tempo. Apresentando-nos uma ideia de como no passado as pessoas eram inocentes e confiantes nas informações que lhes chegava, aceitavam passivamente sem fazer nenhuma objeção acerca de tais instruções. Assim, fica nítido o respeito à ordem ou as ordens que as pessoas obedeciam. Dessa forma, não se deve fazer anacronismo, pois as mudanças acontecem de acordo com inúmeras particularidades no tempo e no espaço social. Sem dúvida, cada costume acompanha sua época. Neste sentido, ressalto as considerações de Bosi (1994, p. 418), quando ela afirma que: “O tempo social absorve o tempo individual que se aproxima dele. Cada grupo vive diferentemente o tempo da família, o tempo da escola, o tempo do escritório... Em meios diferentes ele não corre com a mesma exatidão.” É certo que o tempo muda e juntamente com ele o comportamento e a forma de pensar das pessoas.

As histórias fazem parte de suas vidas, assim os interlocutores repetiam: “durante parte do dia e também da noite me pego pensando no meu passado”. Como vemos na narrativa de D. Francisca o ato de recordar o passado e comparar com o tempo atual:

Eu gosto de me lembrar das coisas do meu tempo, isso me faz sentir que o passado é parte de mim e que enquanto minha memória não falhar terei algo para me consolar nos dias saudosos. Lembro que Alda e eu sempre fomos às irmãs mais próximas uma com a outra, sempre andávamos juntas. Trabalhamos no armazém na mesma época, e quando uma de nós precisava sair mais cedo trocávamos de horário, nunca brigamos, até quando eu casei ela chorou muito, mesmo sabendo que eu iria continuar morando no mesmo lugar... Pois bem, certa vez estávamos voltando para casa pela estrada, quando avistamos o Sr. Hamilton Neves, amigo antigo da família, ele estava com outras pessoas que estavam com uns equipamentos de tirar retrato. Naquele tempo os objetos que tiravam retrato em nada pareciam com os de hoje em dia que cabem em uma só mão. No nosso tempo a máquina de retrato era um objeto grande, quase do tamanho de uma pessoa, onde o retratista entrava por trás de uma pequena cortina para assim tirara o retrato. Quando o Sr. Hamilton Neves nos avistou, veio ao nosso encontro nos cumprimentar. Nesse momento, um homem que estava com ele vem em nossa direção e fala: veja que meninas lindas! Será que posso tirar um retrato de vocês? Eu fiquei apavorada e senti que Alda também ficou, percebemos o medo uma na outra apenas nos olhando, e de tão nervosa não consegui responde-lo. Passaram várias coisas em minha cabeça, como para que aquele homem que nem nos conhece queria um retrato nosso? Seria ele um malfazejo? Ou apenas nos achou bonitas mesmo? E todas essas perguntas me vieram em questão de segundos. Sem saber o que responder eu permaneci calada e Alda também. Então, o Sr. Hamilton nos chamou mais perto e nos disse que não tínhamos porque ter medo, pois conhecia o retratista há tempos e ele gostava de retratar paisagens e pessoas bonitas, e que nosso retrato serviria apenas de modelo para o trabalho que ele fazia nas cidades onde passava. Assim, concordamos em tirar o retrato, porém, ainda ficamos com medo do que poderia ser feito do nosso retrato. Não tenho lembrança de ter visto o retratista novamente (D. Francisca, Entrevista: Outubro/2014).

As lembranças em muitos casos são também companhias no processo de envelhecimento solitário, além de fazerem parte da vida. Percebi isso através das pessoas com quem convivi. Aliás, as lembranças estão presentes o tempo todo em nossas vidas. Mesmo em etapas que antecedem a velhice, as memórias estão em toda parte. A passagem de Ecléa Bosi consiste nessa convicção de que toda nossa vida é formada por memórias:

Não basta um esforço abstrato para recriar impressões passadas, nem palavras exprimem o sentimento de diminuição que acompanha a impossibilidade. Perdeu-se o tônus vital que permitia aquelas sensações, aquela captação do mundo. Quando passamos na mesma calçada, junto ao mesmo muro, o ruído

da chuva nas folhas nos desperta alguma coisa. Mas, a sensação pálida de agora é uma reminiscência da alegria de outrora. Esta sombra tem algo parecido com a alegria, tem o seu contorno: é uma evocação. (BOSI, 1994, p.84)

Portanto, a memória é fundamental para a construção da nossa identidade, para sabermos quem somos. Em outras palavras, a vida se forma de memória, como aponta Bosi (1994, p.81): “Não há uma evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais”. Nesse sentido, é importante desenvolver uma compreensão sobre o fato de que a tarefa de relembrar não é exclusiva aos velhos, ela é parte de todos, já que a memória é uma das formas de recriar a própria existência.

Das diversas memórias recordadas por minha avó D. Alda, ela sempre nos conta sobre algo que para ela era uma das coisas mais bonitas de se ver: as comemorações do dia 7 de Setembro. Segundo ela: “para as pessoas do meu tempo essa época era uma das mais importantes do ano”. Ao narrar a própria vida, quem recorda revisita outro tempo e outros lugares. É isso que D. Alda sente ao narrar essa parte de sua vida estudantil:

Eu sempre fui uma pessoa que gostou de estudar, não foi por acaso que fui professora aos dezessete anos de idade quando concluí o quinto ano, série do estudo onde a pessoa já recebia cadeira de professor. Mas, antes de me formar estudei na Escola Pe. Saraiva Leão em Redenção, onde acontecia a semana da pátria. Momento em que durante toda a semana os estudantes realizavam rituais de alusão ao patriotismo, como se enfileirarem para cantar o hino nacional e o hino da bandeira. Além disso, ensaiávamos um mês antes para no dia sete de setembro acontecer o desfile cívico pelas ruas da cidade. Todos os estudantes deveriam estar uniformizados e acompanhados por uma banda de música, assim todos marchavam em sincronia e conforme o toque dos instrumentos. Essa preparação requeria muita atenção, respeito e concentração, já que durante o desfile deveríamos olhar apenas para frente e seguir marchando no toque destinado para aquele ato simbólico. Quando chegássemos à praça da matriz onde estaria a bandeira do Brasil e as autoridades da escola e da cidade, os estudantes ainda de pé posicionavam a mão direita no peito e a mão esquerda para trás e entoavam o hino nacional. (Pausa). Desculpe, é que ao relembrar e recontar toda essa trajetória me lembro dos detalhes e me emociono, porque para mim era um ato de servir e de doação. Ao contrário do meu tempo, os jovens estudantes de hoje não valorizam e nem querem desfilar em homenagem a sua pátria, pelo menos é o que vejo acontecer, já que morei por muitos anos próximo a uma escola e via o comportamento dos estudantes no dia do desfile, alguns só desfilavam se o professor desse ponto em alguma matéria, e meus próprios netos não queriam desfilar, tinham vergonha. Como pode a pessoa se envergonhar de um ato simbólico tão bonito? Mas, ao mesmo tempo penso, os tempos são outros, a educação é outra e tudo mudou. É que às vezes a gente tem a ilusão de as coisas ainda permanecem como eram no tempo da gente (D. Alda, Entrevista: Outubro/2014).

Memórias individuais ou coletivas se apoiam nas lembranças dos grupos sociais de que faz parte cada narrador. E para que a lembrança venha à tona não é necessária a presença física daquele grupo. Essa é uma das funções da memória: recriar um espaço. Isso se apresenta na narrativa de D. Alda, a qual nos apresenta à forma como enxerga a importância do desfile do 7 de Setembro. A consciência da mudança, das transformações, também se manifesta nessa mesma narrativa de D. Alda, precisamente quando ela afirma que: “(...) e tudo mudou. É que às vezes a gente tem a ilusão de as coisas ainda permanecem como eram no tempo da gente”. Como já discutido anteriormente, a comparação do tempo em que narram suas histórias e o tempo atual é algo recorrente nas falas dos interlocutores.

Da mesma forma encontramos tal confronto na fala de D. Maria:

Gosto muito de conversar e de andar, fui sempre assim e ainda sou até hoje. Quando eu era menina até “moçota”, muitas vezes inventava pra minha mãe alguma causa para sair de casa, andar. Como a gente morava em uma localidade um pouco isolada de comércio, quando precisava fazer compras tínhamos que ir até outra localidade onde havia comércio, na maioria das vezes a pé. Naquele tempo, não existia o medo de andar a pé qualquer hora. Também não existia o medo de assalto que a gente tem hoje, nem se tinha conhecimento dos tipos de violência que existem hoje, assim era possível caminhar longas distâncias sozinho ou acompanhado sem medo algum. Um dia eu estava com vontade de andar, então chamei minha prima que era uma de minhas companheiras de caminhada. Combinamos de dizer pras nossas mães que iríamos comprar um tubo de linha de costura, só que eu diria pra minha mãe que tinha sido minha tia que tinha pedido pra eu acompanhar minha prima, e minha prima diria a sua mãe que teria sido a minha mãe que teria pedido pra eu acompanhar ela. Assim, a gente fez, e visitamos nossas amigas. Fomos a tantos lugares que nos esquecemos de comprar a tal linha de costura. Só que quando cheguei em casa fiquei sabendo que minha mãe tinha ido na casa da minha tia saber porque eu estava demorando tanto, foi então que descobriram nossa mentirinha, que na verdade nem era tão grave. Porém, me custou uma surra e um castigo de passar muito tempo sem sair de casa. Mas, hoje vejo que a forma como os pais de antigamente ensinavam os filhos dava certo, pois nunca mais eu inventei mentira para minha mãe. (D. Maria, Entrevista: Abril/2015).

Para os idosos a memória é uma espécie de construção reflexiva do seu “eu” e de suas experiências com os grupos sociais os quais se inserem. Eles contam e revivem suas histórias a ponto de sentir novamente o momento já vivido antes. Assim, Bosi (1994, p.464) descreve sobre essa sensibilidade: “Há um modo de viver os fatos da história, um modo de sofrê-los na carne que os torna indelévels e os mistura com o cotidiano, a tal ponto que já não seria fácil

distinguir a memória histórica da memória familiar e pessoal.” E é nessa perspectiva que se desenvolve a narrativa do Sr. Zé:

Quando eu era mais novo num conversava muito não. Era muito na minha, mas quando a gente vai ficando mais velho, aí já se fala é demais, acho que é porque a gente fica sem muita coisa pra fazer aí qualquer assunto vira uma história e as próprias histórias da vida agente conta se tiver quem queira ouvir. Das minhas lembranças o sítio que morei parte de minha vida sempre me vem na mente, talvez porque lembre a calma que o mundo num tem hoje. O sítio dos camarões era um paraíso de sossego e a natureza viva fazia parte daquele lugar, possuía as mais diversificadas árvores frutíferas, cachoeiras e rios e açudes que no inverno sangravam, era uma encenação da natureza. As poucas casas que lá existiam era grandes e com alpendres que sempre tinham redes armadas para o cochilo da tarde e para quem os visitassem também. Nos domingos depois do almoço eu gostava de se deitar na rede e ouvir cantigas. Tem uma que me emociona é a triste partida de Luiz Gonzaga, diz-se de um nordestino que por conta da seca vendeu o que tinha para tentar viver em São Paulo, mas o trabalho que lá ele arranhou mal dá para sobreviver, trabalha muito e o ordenado é pouco, e nunca pode voltar a sua terra natal. Eu fico assim porque me lembro da seca de 1958, eu era moço, mas me lembro. A falta de água e de comida maltratou muita gente naquele tempo. Minha família passou e outras passaram por esse aperto, já a cantiga me emociona porque sei que outras pessoas precisaram fazer como na história na cantiga de Luiz Gonzaga. Tem lembranças que a gente preferia esquecer, mas, sabe tem delas que não se esquece da gente... Talvez isso seja o preço de carregar tantos anos, porque muitos anos guardam muitas lembranças. (Sr. Zé, Entrevista: março/2015).

A partir da narrativa do Sr. Zé, percebemos que além do seu sentimento sobre a ligação de sua história pessoal com um contexto histórico da época, houve uma mudança em seu comportamento conforme sua idade avançou. Ele que se considerava um homem de poucas palavras quando jovem, agora se reconhece como “falador”. Para ele foi algo que aconteceu conforme a sua idade “avançou”, pois segundo ele depois que a velhice chegou suas atividades reduziram-se e uma das formas de passar o tempo é conversando.

Ao contrário do interlocutor anterior, o Sr. Juazeiro é conhecido como alguém que possui o dom da oratória. Ainda jovem já possuía o costume de contar histórias. Para ele todo assunto se torna algo para relatar a quem quisesse ouvir, e garante que a maioria do que contava eram histórias verídicas. Hoje ele ainda conversa, porém bem menos. A seguir uma narrativa das memórias do Sr. Juazeiro:

Eu já andei por muitos lugares, já vi coisa que muita gente num acredita. Uma vez, quando eu ainda era rapaz fui para a casa de uma namorada que morava longe, a

gente só andava a pé e os caminhos eram só mata, nas cidades as ruas eram iluminadas por lampiões de gás. As pessoas que saíam de casa cedo voltavam, porque quando acabava o gás do lampião e ele se apagava. Pois bem, quando eu estava voltando pra casa já era tarde da noite, umas dez horas ou mais. Sempre andava com minha faca no cós da calça, e nessa noite no meio do caminho perto de uma encruzilhada estava escuro não era noite de lua, pus-me a caminhar mesmo não enxergando quase nada. Nesse momento escutei uma voz que parecia vir por trás de mim que dizia: espere-me aí que eu também vou! Eu me alegrei, estava indo sozinho e com uma companhia era melhor pra gente ir conversando, assim chegaria mais depressa em casa. Esperei, esperei e nada da pessoa me acompanhar, de repente eu senti um vento subindo do chão pra cima e passando por mim e uma voz lá na frente disse: Bora! Arrepiei-me todo, me tremi e segurei a faca na mão, mas sem enxergar ninguém segui meu caminho. Quando foi lá na frente vi um vulto balançando um chapéu, então pedi que ele saísse do meu caminho que eu estava armado, só que eu chegava mais perto e aquilo que eu só conseguia enxergar o chapéu se balançava era mais. Então, quando cheguei bem perto lhe taquei a faca e o que vi foi uma árvore que a gente conhece como pé de hortênsia com um chapéu em cima. Peguei o chapéu e levei para mim, cheguei em casa todo arrepiado e nunca mais sai fora de hora para voltar sozinho para casa. Tem gente que diz que essas coisas estranhas num existe, que é “história de trancoso”, mas eu digo que existe, porque já passei por casos desses (Sr. Juazeiro, Entrevista: Dezembro/2014).

Além da questão da memória, outro assunto que apresentou-se a partir das falas de D. Francisca e D. Alda foram a invisibilidade e a inacessibilidade nessa fase da vida. As duas são irmãs com pouca diferença de idade uma para outra. E quando encontram-se conversam e compartilham do mesmo tempo, ideias, e dificuldades. Para D. Francisca são momentos bem agradáveis, já que “relembrar se torna um exercício menos solitário”. Sempre que isso acontecia era emocionante até para quem estava apenas como observador. As duas tinham um arsenal de histórias para contar e perguntar se a outra se lembrava de certos acontecimentos em comum que as duas viveram. Conversavam demasiadamente, que se esqueciam do passar das horas. Entre os diálogos estavam presentes tanto as memórias quanto as dificuldades de envelhecer.

A falta de mobilidade é um dos temas presentes nos relatos das adversidades no processo de envelhecimento apontadas pelos idosos. Como se apresenta no desabafo de D. Francisca:

Faz muito tempo que não vou à missa do domingo na igreja, porque além de ter que usar um apoio, as ruas são estreitas e bem movimentadas de carros, vejo a missa pela televisão mesmo, faz tempo que não saio de casa. E agora então, depois dessa queda que levei, tenho que ficar nessa cadeira de rodas. Aí é que não saio mais de casa mesmo. E essas fraldas incomodam muito. Eu sei que tenho que usa-las, mas eu não queria ter que usa-las. Minha filha e minha neta são muito boas pra mim, quando eu chamo umas delas, às vezes pra mim ir no banheiro, num instante elas vem, mas eu preferia ainda poder andar com minhas próprias pernas. Os outros familiares vem me ver às vezes, mas custa a virem. Minha família é grande, mas eu sei que ele não vem me ver sempre porque tem suas ocupações. (D. Francisca, 91 anos).

A partir dessa narrativa de D. Francisca percebemos um misto de sentimentos, como a falta de mobilidade e invisibilidade que estão presentes nessa fase da vida de uma pessoa. A sensação de ver a vida agora apenas pelos olhos dos outros, por aquilo que vierem lhe contar. Esse ostracismo causa deveras momentos de solidão, ademais a resignação do estado em que se encontra é o que faz com que o idoso consiga suportar um destino que não pode ser contornado.

D. Alda sempre que pode visita sua irmã, já que D. Francisca não sai mais de casa, as duas relembram acontecimentos que viveram juntas. No entanto, D. Alda se entristece quando fala da situação atual da irmã:

Para mim é triste e difícil ver minha irmã nessa situação. Ela é bem tratada pela filha e pela neta, mas eu falo da situação de confundir os acontecimentos de nossas vidas e mais ainda por ela não poder mais andar com as próprias pernas. Eu sei que tudo isso faz parte da etapa de vida em que chegamos, sei que eu também talvez passe pela mesma situação. Quando conversamos e ela se lastima de algo eu tento lhe consolar e ao mesmo tempo trazer consolo para mim, porque sei que as dificuldades que estamos passando é o preço de chegarmos à velhice, de carregar conosco tantos anos. (D. Alda, 86 anos)

Percebemos no relato de D. Alda como a questão entre adoecimento e memória se confrontam. De um lado temos a memória que para o idoso é algo precioso, pois se trata muitas vezes do que resta ao envelhecer, seja como companhia ou forma de se sentir vivo quando expõe para alguém suas histórias. Do outro lado, encontramos as consequências do adoecimento causado pelo envelhecimento que raramente resguarda esse bem tão valioso para os idosos tanto quanto a saúde igualmente a sua memória.

A memória mais uma vez é destacada como fundamental para os idosos, só que dessa vez compreendida como concepção de identidade, tanto pela construção da história de cada um, como pelo lugar que o idoso busca dispor na sociedade que o invisibiliza.

Carregamos memórias durante toda a vida que se intensificam conseqüentemente na velhice por se tratar de uma etapa de nossa existência onde se acumulam bastante histórias, e também é quando se desacelera a corrida existencial. Ouvir e refletir é pensar a velhice como algo presente ao nosso redor, que faz parte da natureza humana e destinada a todos nós.

4. CAPÍTULO III – QUESTÕES QUE COMPREENDEM O ENVELHECIMENTO

Neste terceiro capítulo, continuo a análise dos estudos propostos e desenvolvidos sobre as memórias e narrativas dos idosos que protagonizaram esse trabalho, agora focando em questões como o envelhecimento, a invisibilidade, a solidão, o adoecimento, a necessidade do auxílio de outra pessoa que lhe ajude em suas atividades diárias e a dependência de medicamentos, assuntos estes recorrentes nas falas dos idosos.

Tendo em vista o que me foi apresentado pelos interlocutores, percebi que muitas são as angústias que lhes acompanham conforme vão envelhecendo. São situações vividas por eles

e expressadas em suas palavras nos levando a conhecer suas experiências com o intuito de termos uma ideia desse processo de envelhecimento. As questões expostas por eles traduzem uma série de mudanças funcionais, mentais e físicas que aconteceram conforme a velhice chega. Assim, como retrata a descrição de D. Francisca, que apresentou dificuldades de locomoção as quais culminaram na restrição da cadeira de rodas e em lapsos de memória:

Quando eu era nova nunca pensei como seria se eu chegasse a ficar velha, aliás, a gente nem tem tempo de pensar nisso, nem imagina que pode chegar. Eu num pensava que coisas que eu fazia quando era moça iam se tornar tão difíceis de fazer quando ficasse velha. Caminhar parece uma coisa tão simples quando a gente é nova, mas agora, nem com minha bengala eu consigo andar mais, fico nessa cadeira de rodas. Às vezes acontecem coisas que deve ser da minha imaginação, como se eu estivesse vivendo agora algo que já passou faz tempo, mas parece tão real. Ontem parecia que eu tinha ido à casa da minha comadre que mora na Lagoa Dantas, e ela tinha me dado um saco de feijão maduro. Mas isso eu não sonhei, eu estava acordada, só que eu procurei o feijão, perguntei as meninas e ninguém viu (D. Francisca, 91 anos).

As consequências físicas acarretadas pelo processo de envelhecimento tornam-se por vezes uma dolorosa sequência que vai aos poucos modificando o modo de vida. Isso acontece quando se percebe as mudanças que ocorreram de uma fase de vida ativa para uma possível necessidade do auxílio de outra pessoa ou de outras pessoas para as realizações de atividades que antes se executavam facilmente sozinho.

No processo de envelhecimento o passar dos anos contribui para uma sequência de mudanças que de certa forma vai invisibilizando os idosos. Pois, o avanço da idade faz com que eles não sejam tão ativos quanto antes, quando eram jovens, deixa de frequentar lugares, verem pessoas com quem se relacionavam com mais constância antes de envelhecerem, todo um processo que gera isolamento social. Como podemos perceber na seguinte narrativa:

Veja como as coisas mudam quando a gente vai ficando velho. Eu vivia rodeado de gente. Na minha casa mesmo eu bebia e vendia cachaça pros companheiros, era muito difícil uma hora pra eu tá sozinho. De madrugada, alguém já me chamava, e eu ligava o rádio pra ouvir a ladainha de Nossa Senhora. Quando amanhecia o dia eu ia pro roçado. Quando eu voltava de tarde pra casa já tinha uns homens me esperando pra tomar uma “bicada” (é como a gente chama beber poucos goles de cachaça). Aí eu acendia meu “pé-duro” (tipo de cigarro de palha, feito com papel de embrulho e fumo de rolo) e ficávamos conversando até anoitecer. Mas fui envelhecendo, e nem vejo mais essas pessoas, conheço muitos quando ainda eram meninos, mas como

não os vejo mais, num lembro nem dos nomes deles. Eu sinto falta daquelas conversas que entravam pela noite, e também de ter um lugar cheio de gente. Sinto falta de sair de casa, daquele tempo que eu ia pro meu roçado! (Sr. Juazeiro, 95 anos).

Os sentimentos de solidão podem ser demonstrados de diversas formas, e se fazem presentes em suas vidas em diversos momentos como no relato do Sr. Juazeiro, ou, por exemplo, perceber que o neto cresceu e não lhe dá mais atenção, os filhos que são muito ocupados com tarefas do dia a dia em uma sociedade que assume uma postura frenética de correria e muitas vezes não os visitam com a intensidade que gostariam ou no caso da perda do (a) companheiro (a) com quem compartilhou significativos anos de vida, por uma separação do casal ou mesmo de ainda conviverem juntos, mas não partilharem momentos e vivências da velhice. Para os idosos essa possibilidade de planejar é mínima ou inexistente. Sobre essa constatação, D. Alda narra da seguinte forma:

Meu armário de cozinha não presta mais, está todo se desmanchando, aí minha filha disse: mãe compra outro armário, a senhora tem seu aposento é pra comprar o que precisa mesmo. Então eu disse pra ela: eu vou comprar coisa nova pra que? Se eu já estou velha, fico com objetos velhos também! Eu sei que o dinheiro é pra gastar mesmo, mas eu prefiro dá esse dinheiro para um filho ou neto que esteja precisando do que comprar objetos de casa, eu não tenho disposição nem saúde pra tá limpando e zelando móveis. Deixa aí essas coisas velhas, assim como eu elas vão ficar por aí o tempo que ainda lhes restam (D. Alda, 86 anos).

Outra questão enfatizada pelos idosos em nossas conversas trata-se do fato de alguns deles dependerem de alguém para lhes auxiliem em determinadas atividades cotidianas ou em todas. Essa dependência é mais uma das situações que os idosos pontuam como uma consequência inconveniente e difícil da velhice. São tarefas cotidianas que quando se é jovem faz-se tão naturalmente que não percebemos quão difícil se torna para os idosos, como, por exemplo: subir e descer escadas ou calçadas, isso para os que ainda andam. Tarefas aparentemente simples e corriqueiras para se executar sozinho, como: alimentar-se, tomar banho, trocar de roupa, levantar-se de uma cadeira, enfim, atividades que parecem supérfluas por pertencerem a grande parte de nossas vidas, porém, tornam-se limitações causadas pela velhice e que vão aumentando conforme se alongam também os anos. Pelo menos, dois dos cinco idosos que integram a pesquisa, expressam um descontentamento por necessitar de alguém para executar quase toda sua rotina. Como diz D. Francisca:

Não gosto de incomodar, mas não consigo fazer mais quase nada sozinha. Se for tomar banho preciso de alguém pra ajudar a me banhar, se vou comer fico que nem criança, que a mãe dá a comida na boca de um bebê, eu posso comer sozinha, mas realmente iria demorar muito tempo pra terminar. Tudo ficou mais difícil depois dessa queda que eu levei, além de ficar velha, ainda tive que cair pra piorar. Ainda bem que tenho quem cuide de mim, porque quem não tem vai pra esses lugares de velhos pra serem cuidados por pessoas estranhas (D. Francisca, 91 anos).

O Sr. Juazeiro de 95 anos também apresenta a necessidade do auxílio de alguém, porém, em certas situações ele não admite que lhe digam como deve agir, como exemplifica o relato a seguir:

Quando eu cheguei perto dos 80 anos meus filhos vieram com uma conversa de arranjar uma bengala pra mim, eu não quis, ainda sei andar sozinho e se precisar me seguro nas paredes, nem adianta eles teimarem, porque não quero! Outra vez, uma de minhas filhas inventou de me banhar, veja só que situação! Enquanto eu estiver consciente certas coisas ainda faço sozinho, eu estou velho, mas num estou morto. Enquanto eu estiver consciente e puder eu faço, agora se eu chegar a caducar, aí façam o que quiserem, eu não vou saber mesmo (Sr. Juazeiro, 95 anos).

Percebi que para as mulheres é mais fácil admitir e aceitar esse amparo que para os homens. Assim, com a fragilidade do corpo faz-se necessário reconhecer a dependência que acompanha a velhice, no entanto é preciso respeitar a vontade do idoso.

A dependência do uso de medicamentos é outra questão falada pelos idosos, visto que o envelhecimento do corpo agrava doenças algumas crônicas, ou seja, doenças que se arrastam ao longo da velhice levando-os ao uso constante de remédios, como me relatou D. Alda que faz uso de cálcio desde que foi diagnosticada com osteoporose e o Sr. Juazeiro portador de bronquite asmática e consequências da hipertensão arterial. Abaixo D. Alda nos relata situações causadas por doenças manifestadas em sua velhice:

Sabe me sinto até privilegiada por ter esse tanto de anos e não ter que me entupir de remédios como vejo acontecer com muitas pessoas que tem a mesma idade que eu. Ah meu Deus! Tem gente que enche a mão de comprimidos e toma tudo de uma vez, mas é o jeito, se o médico disse que é pra melhorar a saúde tem que tomar mesmo. Eu nessa idade faço o uso de

medicamento somente o cálcio que o médico mandou, e disse que eu ia tomar para o resto da minha vida, porque meus ossos estão com “uns buraquinhos” por conta da osteoporose. Minha vista tá ficando ruim, antes eu lia a bíblia e outros livros, mas hoje não dá mais, eu enxergo as outras coisas, mas ler não consigo mais. O povo aqui de casa vive me perguntando se eu quero ir ao médico, mas eu não quero fazer cirurgia de olho, Deus me livre, acho que não resisto. Aí filhos e netos dizem que se eu não quiser não faço cirurgia e que talvez o médico passe só um colírio, mas eu não me animo. Tá bom assim eu estou enxergando as outras coisas, tá bom demais (D. Alda, 86 anos).

Às vezes, conformar-se com a situação é um modo de não sofrer tanto, como percebemos no final do relato de D. Alda sobre suas enfermidades decorridas da idade avançada. As doenças tornam-se mais constantes na velhice e em decorrência de tal constatação, conseqüentemente também se mudam os hábitos, como nos diz o Sr. Juazeiro:

Eu tomo muitos remédios, sabe? Essa asma me acompanha já há muitos anos, é remédio pra asma, pressão alta. Como eu não posso mais sair de casa o médico vem visitar todo mês. Um dia ele disse: O senhor está com a pressão alta, vai ter que pôr pouco sal na sua comida. Vixe! Aí minha filha que estava ouvido e depois o médico disse pra ela, num faz minha comida sem sal não, ela num bota é nada de sal. Eu que comia com sal e pimenta agora sou obrigado a comer sem gosto de nada. Aí eu perguntei pro médico: Então, agora eu vou comer só na “ração” é? Ele disse que era para o meu bem. O meu bem? Além de tomar um monte de remédio, não posso nem comer o que eu quero. Como a gente sofre quando fica velho! (Sr. Juazeiro, 95 anos)

Ao pergunta-los o que é ser velho, vieram variadas respostas, como, por exemplo: Ser esquecido porque o povo novo não gosta de velho, voltar a ser criança porque necessita de cuidados de outras pessoas de se usar fraldas, ser uma pessoa inútil, se tornar um estorvo na vida dos outros, viver preso dentro de casa, entre outras colocações. Porém, às vezes, surgem também comentários menos negativos, como por exemplo: Se alegrar com a visita de um parente ainda que demore, ou seja, nesse caso o idoso se entristece ao falar para alguém que os familiares não lhe visitam com a frequência que ele gostaria, mas, quando essa visita acontece aquele momento de felicidade é o que importa. Também houve respostas de conformações com as dificuldades que a velhice acarreta quando disseram que essas adversidades que enfrentam é o preço que pagam por viver por muito tempo. Outra resposta foi a de ter muito tempo para pensar e ainda teve uma resposta que todos expressaram em comum e com certo riso de felicidade, foi a de que ser velho é se sentir feliz quando alguém lhe pede um conselho ou lhe ouve falar de suas experiências, mesmo que isso só aconteça de vez em quando.

Quando alguém me escuta, sinto que ainda estou viva! Ao me visitarem penso que bom, ainda não me esqueceram! Pode ser algo simples, mas a gente se sente tão só que a presença de alguém é como se eu estivesse num quarto escuro e alguém acendesse uma luz. Porque, quando a gente fica velho nada mais anima a gente que ter pessoas ao nosso redor e que nos escute, dá um pouco de ânimo a alma. É o que ainda me resta, ter a companhia dos meus. A gente nasce só e morre só, mas pra viver é preciso de companhia (D. Alda, 86 anos).

Assim, envelhecer e permanecer visível no âmbito da sociedade contemporânea vem tornando-se gradativamente mais difícil. Na medida em que o número da população idosa aumenta e o ritmo acelerado e frenético estabelecido principalmente nas grandes cidades brasileiras mostra-se corriqueiro, o enfoque dessas sociedades passa a ser o do consumo numa perspectiva de globalização, no qual os idosos não são inseridos por serem considerados ultrapassados. Em consequência disso, vai tornando-se cada vez mais distante uma convivência cotidiana entre os mais jovens e os mais velhos.

Os relatos trazidos sejam por alguém em uma cadeira de balanço ou sentada na rede não lhes impede de se movimentar. Não se trata de uma ação corporal, esse deslocamento é feito porque as memórias lhes permitem viajar sem sair do lugar. Apesar das situações de dificuldades de locomoção descritas por alguns dos interlocutores, eles mesmos se dizem em constante movimento quando recordam suas histórias ou narram para alguém, porque eles compreendem que a memória é movimento.

Dessa forma, as questões que envolvem o envelhecimento apresentadas pelos idosos neste capítulo nos traz uma série de relatos sobre as consequências que o corpo e a mente sofrem. Apesar de transparecerem em suas falas todo o incomodo trazido pela velhice, há os relatos, poucos, mas aparecem, sobre a conformação de ser velho, já que é algo que não podem modificar.

5. CONCLUSÃO

Ao ser despertada pela convivência com uma pessoa idosa a pesquisar o tema sobre velhice, busquei analisar o processo de envelhecimento e suas questões. Dessa maneira consegui compreender a importância que a memória tem nessa fase da vida, ela possibilita para os idosos um meio de se sentirem vivos numa sociedade que lhes excluem, servindo-lhes também como forma de empoderamento, sobretudo através de suas narrativas.

A partir dos diálogos e das entrevistas, esses cinco idosos puderam expor suas vivências, que por muitas vezes se restringem apenas aos diálogos internos que têm com eles mesmos. Através das conversas, essas pessoas puderam externar sua percepção sobre as consequências físicas do processo de envelhecimento.

Em um primeiro momento as narrativas dos idosos seguiam um caminho de relatos pessoais que se tratava da descrição de suas histórias passadas e recordadas pelas memórias individuais, assim, cada um extraía de sua essência natural o seu melhor. No entanto, quando começaram a falar sobre o processo de envelhecimento todos tinham uma opinião em comum, as consequências que ele acarretava; a invisibilidade, o adoecimento que resulta nas dificuldades de locomoção e na dependência.

Nessas idas e vindas de encontros e conversas, testemunhei não só as narrativas de histórias passadas, mas, também momentos em que alguns dos idosos sentiam dificuldades para falar, e com isso, por vezes o pedido para que eu esperasse um pouco para que pudessem descansar refletir e retomar a conversa. Isso se dava tanto pelo ato de rebuscar na memória a continuação da história que estava a narrar, como pelo cansaço físico que a ação de falar lhes conferia.

Conhecer de perto um pouco desse universo da etapa natural que finda a existência humana me fez refletir e repensar as condições de envelhecer, pois, ao conhecer as suas realidades e se colocar no lugar dos idosos consegui ter um olhar diferente para a situação e dessa forma tentar contribuir ainda que apenas como ouvinte.

Espero com essa pesquisa contribuir e motivar outros trabalhos que venham a contemplar um olhar para os idosos. Particularmente, no que diz respeito ao indivíduo, espero que possamos considerar a importância que o ato de escutar tem numa dada fase da vida, e a possibilidade de permanecer visível na sociedade mesmo que somente como narradores de suas próprias vivências. Ainda sobre a invisibilidade que estes sofrem, anseio que o trabalho possa despertar uma preocupação, e que possa somar-se aos demais trabalhos no debate sobre a negação do lugar social do velho numa sociedade imediatista.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Obras escolhidas** Vol. 3ª ed. Brasiliense, 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar, 2001.

LAWAND, D. N. **Memória e Ensino de História: uma experiência na EJA**. Dissertação (Mestrado em Educação), USP, São Paulo, 2004, p. 121.

LE GOOF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAP, 2003, p. 471.

SILVA, V. M. T. **Lendo sobre a velhice: resenha**. Revista da UFG, Vol. 5, Nº 2, Dezembro/2003.

FONTES ORAIS

Maria Alda Chagas, 86 anos, professora aposentada. Entrevistada nos dias 25 de setembro 02 e 03 de outubro de 2014.

Francisca Duarte de Oliveira, 90 anos, aposentada. Entrevistada no dia 06, 07 e 10 de outubro de 2014.

Claudino B. da Silva (Sr. Juazeiro), 93 anos, aposentado. Entrevistado nos dias 15, 20 e 21 de dezembro de 2014.

José Rodrigues, 74 anos, aposentado. Entrevistado nos dias 25 de fevereiro e 03 de março de 2015.

Maria das Graças Gomes, 68 anos, aposentada. Entrevistada nos dias 03 e 04 de abril de 2015.

APÊNDICE

APENDICE A – Memória e saúde

Neste trabalho percebe-se que algumas lacunas deveriam ser preenchidas a partir de alguns apontamentos de essencial relevância. Primeiro, ficou evidente através das narrativas dos idosos que a memória é de fato muito importante. Porém, mais ou tão importante que a memória é a saúde, tanto a física como a mental, pois o bem estar condiciona para o ser humano melhores condições de vida em qualquer idade e na velhice é imprescindível.

Segundo, o critério para a escolha do (as) entrevistado (as), na época (2014-2015) foi a da proximidade, tendo em vista que alguns já não residem no mesmo local atualmente. Os entrevistados são de classe social baixa, aposentados com renda máxima de até um salário mínimo. Assim, cabe ressaltar que para esses idosos uma boa condição de lazer e uma melhoria em sua qualidade de vida tornam-se praticamente nulas. Até porque alguns já não possuem mobilidade, ficando restritos ao ambiente domiciliar.

APÊNDICE B – Sobre as entrevistas

Não foi utilizado nenhum tipo de roteiro para as entrevistas, por se tratarem de narrativas os interlocutores sentiram-se a vontade para falarem sem seguir perguntas direcionadas. Dessa forma, como foi explicitado ao longo do trabalho, a intenção das falas se constituiu do interesse de serem ouvidos. Portanto, a relação ouvinte/narrador desenvolveu-se em conversas informais.